



2. USO E OCUPAÇÃO DO SOLO

A leitura do uso e da ocupação do solo do município considerou aspectos relacionados ao processo histórico de ocupação do território, com maior ênfase na formação de sua área urbana; a atual divisão territorial e a distribuição espacial da população, além das diversas modalidades de uso do solo e suas formas de ocupação. Buscou-se proporcionar uma visão das características gerais das zonas urbana e rural do município, com um olhar específico para a morfologia e para as tipologias habitacionais encontradas nos bairros da cidade e nos principais povoados. Por fim são apresentados os resultados da primeira Audiência Pública, na qual foram discutidos e sistematizados os problemas e conflitos, as tendências de ocupação e de expansão da malha urbana e as propostas a serem consideradas no Plano Diretor Participativo.

2.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE OCUPAÇÃO ESPACIAL DO TERRITÓRIO E DA CIDADE DE DELMIRO GOUVEIA

Os registros históricos acerca da ocupação espacial do território que atualmente abriga o município e a cidade de Delmiro Gouveia demonstram que as primeiras referências sobre o seu povoamento, por parte do colonizador, datam do século XVII. As terras pertenciam às sesmarias cujo povoamento foi impulsionado pelas fazendas e pelos currais de gado instalados em meio à caatinga, vegetação predominante na região. Segundo relatam várias publicações que falam sobre a história do município, deve-se aos irmãos Vieira Sandes as primeiras fixações no lugar.

Os três irmãos da família Vieira Sandes foram os primeiros habitantes das terras onde, hoje, se ergue o município de Delmiro Gouveia. Em meados do século XVII, estas terras junto às terras dos municípios de Mata Grande, Piranhas e Água Branca, faziam parte das sesmarias e, nos meados de 1769, foram arrematadas em um leilão na cidade de Recife, pelo capitão Faustino Vieira Sandes. Este instalou uma fazenda de gado e a partir daí se desenvolveram os primeiros núcleos de povoados, sendo um deles Pedra, nome motivado em razão das rochas existentes no lugar.

A exploração do território ocorreu principalmente a partir da penetração pelas águas do rio São Francisco, que atravessa o sertão alagoano possibilitando a sua ligação com o litoral, sendo ocupadas inicialmente as terras situadas em suas margens e posteriormente com incursões da pecuária ao interior do semi-árido em direção a Cachoeira de Paulo Afonso, Água Branca e aos maciços de Mata Grande.

As caatingas despovoadas eram percorridas pelos sertanistas tomados de sentimentos de surpresa diante da beleza dessas paisagens e do temor em face a um ambiente desconhecido a ser apropriado e explorados. Esses sertanistas eram brancos, mulatos, pretos e índios que tangiam as boiadas pelo sertão e que após o ciclo do pastoreio puro e simples introduziram a produção de carnes e couros (CHESF/CECI, 2003:63)

A intensificação da ocupação do território, que ocorre principalmente a partir do final do século XIX, está relacionada às necessidades e estratégias de comunicação do território nacional, a exploração comercial das potencialidades do sertão alagoano e nordestino e ao processo da industrialização brasileira que teve como uma das suas exigências a produção de energia elétrica.

Pode-se dizer que dentre os acontecimentos que promoveram transformações mais efetivas na paisagem do sertão alagoano, especialmente na denominada Micro-Região Alagoana do Sertão do São Francisco, foram, em um primeiro momento, a construção da Estrada de Ferro de Paulo Afonso, da Usina Hidrelétrica de Angiquinho e da Fábrica de Linhas Estrela, com o núcleo operário em Pedra e a formação urbana

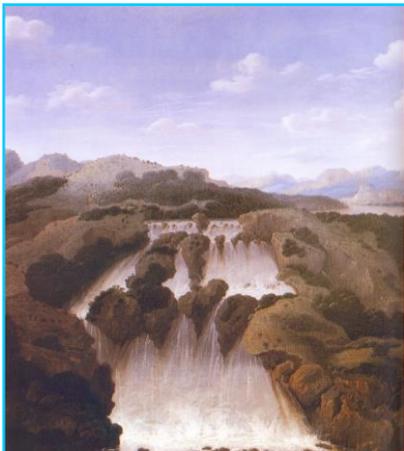


da cidade de Água Branca. Em um segundo momento a construção das Hidrelétricas de Paulo Afonso e de Xingó.

Em meados do século XIX, o sertão do São Francisco recebe a visita de D. Pedro II. O desejo de conhecer a região e a navegabilidade do rio visando à expansão comercial e o acesso à cachoeira de Paulo Afonso, levou o Imperador à cidade de Penedo, em 1859, de onde embarcou no navio Pirajá fazendo o percurso até o povoado de Tapera, atual cidade de Piranhas (Ilustrações 2.1). Em terra, D. Pedro e sua comitiva se deslocaram dentre os caminhos que levavam a cachoeira de Paulo Afonso tendo passado por localidades que hoje compõem a paisagem e os povoados delmirenses. Do Talhado ao Salgado¹, onde parou e dormiu para descanso, saiu em direção à Água Branca passando por Cruz e Sinimbú. Este caminho ficou conhecido pela população moradora como “Rota do Imperador”² e pode ser visto em parte no diário de D Pedro:

Na fazenda dos Olhos d’Água fiquei mal acomodado na senzala (...) se não fosse o calor, e a falta d’água que é péssima aí (...) partimos dos Olhos d’Água para o Talhado (...) Vi no caminho uma espécie de cardo redondo, com uma coroa mais ou menos saída, vermelha rente ao chão, que chamam coroa, ou cabeça de frade (...) sinto não ter tempo para copiar essa paisagem desoladora. (...) No caminho vi mandacarus muito alterosos e grossos (...) e árvores de angico não muito altas, esgalhadas, de cerne avermelhada e folga miúda (...) Encontrei alguns bois e vacas gordas (...) havia muito pasto, onde eu só veria aridez, pois verdejam quase exclusivamente os cactos e bromeliáceas. (...) Há muitas rolinhas esbranquiçadas e pombos de asa branca, espécie de trocaz. Vi o carcará muito grande. (...) Partimos do Salgado às 2 da madrugada e chegamos a Paulo Afonso pouco depois de 5 ½. (D. Pedro II, 1959: pp 119 a 126. In Instituto Xingó, 2006).

Após a visita de D. Pedro duas importantes iniciativas foram tomadas com a intenção de propiciar a integração nacional do território e possibilitar o acesso à cachoeira de Paulo Afonso: a viabilização da navegação a vapor, inicialmente entre Maceió e Penedo e em 1867 entre Penedo e Piranhas, através de contrato entre o governo da província das Alagoas e a Companhia Costeira Baiana; e a implantação da Estrada de Ferro de Paulo Afonso ligando a povoação de Piranhas a Jatobá (hoje Petrolândia) na província de Pernambuco.



Ilustrações 2.1 – Imagens da Cachoeira de Paulo Afonso: A - gravura de Franz Post; B - fotografia de Marc Ferrez. Fonte: Revista Continente, 2003 e Lago, 2001. In Instituto Xingó, 2006.

¹ Em função da referência da passagem de D. Pedro no povoado Salgado, onde, segundo contam seus moradores, o Imperador adorou descansar sobre as redes já produzidas pelas tecelãs locais nesta época, o Núcleo de Tecelagem da Associação Rural São João Batista, da Comunidade Salgado, tem seus trabalhos reconhecidos com a marca “Tecelagem do Rei”.

² A Rota do Imperador está apresentada no item 2.4 deste Capítulo.



A construção da ferrovia (1879/83) além de fazer parte de um plano viário do Governo Imperial segundo Granja (2001:98 e 101. In Instituto Xingó 2006:27), foi construída “com o objetivo de socorrer os flagelados da grande seca de 77” (TENÓRIO, 1996:51) (Ilustrações 2.2).



Ilustrações 2.2 - A - Construção de trecho da Estrada de Ferro Paulo Afonso, em 1858. Fonte: Lago, 2001. In Instituto Xingó, 2003. B - Locomotiva que fazia as viagens Piranhas – Jatobá (atual Petrolândia). Fonte: Amaral, 2006.

Com um percurso 116 quilômetros de extensão e traçado que se orientava em direção oeste, a ferrovia cortava a caatinga do sertão de Alagoas no que corresponde atualmente aos municípios de Piranhas, Olho D’água do Casado e Delmiro Gouveia, possuindo 8 estações, quais sejam: Piranhas, Olho D’água do Casado (Km 28), Talhado (Km 41), Pedra (Km 54), Sinimbu (Km 70), Moxotó (Km 84 – divisa de Alagoas e Pernambuco), Quixabá (Km 102) e, finalmente, Jatobá (Km 116). As 6 primeiras podem ser vistas no mapa de 1917, reproduzido por Marroquim (Ilustração 2.4) onde observam-se ainda os caminhos existentes em terra que influenciaram o traçado da ferrovia e os que faziam ligações com outras localidades existentes na época, como Salgado, Lageado, Paulo Afonso, Água Branca, Pariconha, dentre outras.

Pedra, a localidade que deu origem a formação da atual cidade de Delmiro Gouveia, distante em 24 quilômetros da cachoeira de Paulo Afonso, constituía uma pequena povoação, situada estrategicamente na confluência neurológica de quatro estados conforme descreve Mello (2006:9) ao falar sobre o homem Delmiro, em seu parecer para tombamento de Angiquinho:

Em 1903, [Delmiro] escolhe a vila da Pedra, de seis casas, outros tantos chiqueiros de bode, a 280 km de Maceió, sem estradas de rodagem, mas confluência neurológica de quatro Estados, além de figurar como ponto intermediário da ferrovia que, unindo Piranhas a Jatobá, não unia apenas Alagoas a Pernambuco, senão o Baixo ao Médio São Francisco, para recriar seu negócio de peles, a exportação fazendo-se pela capital, Maceió, através do Porto do Jaraguá. Um segundo diferencial elevava o casario humilde à condição de espaço estratégico: havia ali, como parte do esquema ferroviário, uma estação de telégrafo quedada em mudez, a retratar a estagnação de tudo o mais em volta.

É desta forma, que a chegada do comerciante de peles Delmiro Gouveia começa a imprimir uma nova feição ao lugarejo, até então estagnado, e novos rumos à história do sertão alagoano. Da antiga Pedra, nome em referência a existência de uma grande pedra no rio Maxixe, restaram 4 (quatro) casas localizadas ao lado do Açude da Fábrica, hoje quase em ruínas, e que pertenciam aos funcionários da Estrada de Ferro



e a Estação Ferroviária, cuja inauguração ocorreu em julho de 1882, atualmente restaurada e ocupada com o Museu Delmiro Gouveia (Ilustrações 2.3).



Ilustrações 2.3 - Casas dos antigos funcionários da Estação Ferroviária da Pedra. Julho/2006.
Fonte: Banco de Imagens PDPDG.

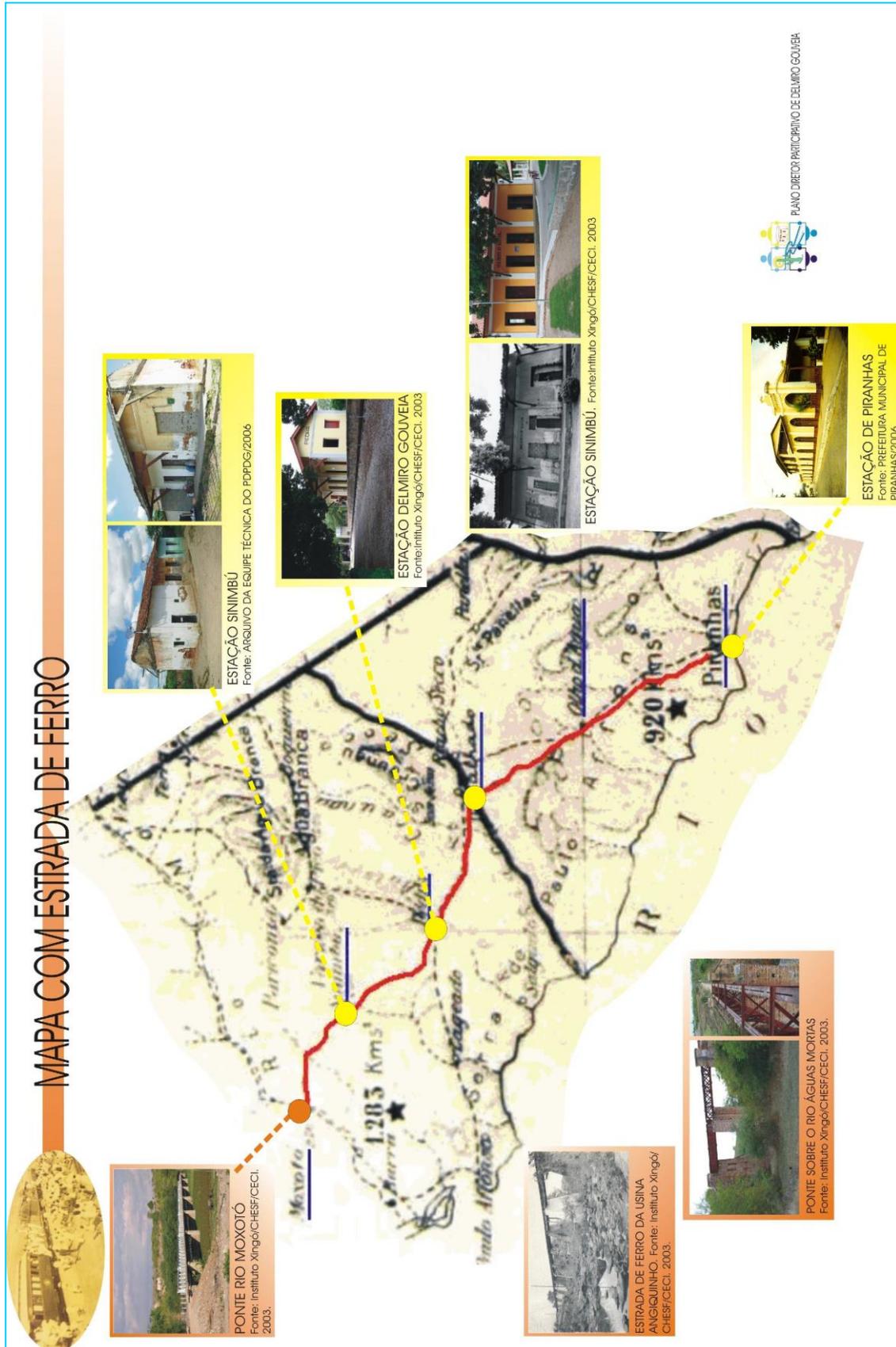


Ilustração 2.4 - Mapa com percurso de trem e imagens das estações ferroviárias. Fonte: Marroquim, 1922. Adaptado por Antônio Júnior.



2.1.1 - Delmiro Gouveia e a Fábrica da Pedra

Uma personalidade controversa está intimamente ligada à conformação histórica, econômica e política da atual cidade de Delmiro Gouveia, no Sertão alagoano: seu homônimo, Delmiro Gouveia. Antes de chegar ao povoado Pedra, no começo do século XX (1903), então pertencente ao município de Água Branca, essa fascinante figura já tinha percorrido uma longa jornada: de bilheteiro de trem, passando por despachante de barcaças, caixeiro viajante dos comerciantes estrangeiros de Recife do ramo de *couros e peles*, funcionário, depois gerente de filial (1892) e, finalmente, proprietário dos escritórios em Recife da *Kenn Sutterly*, da Filadélfia (1893). Três anos depois, funda a Casa Delmiro Gouveia & Cia., e associa-se a capitais novaiorquinos (a firma H. Rossbach brothers).

Aproveitando-se do apoio financeiro dos americanos e do profundo conhecimento do mercado de *peles e couros* do Nordeste, enriquece ficando conhecido como *Rei das Peles*. Diversifica suas atividades econômicas: constrói uma usina de refino de açúcar (na época chegou a ser a maior da América do Sul) e o *Mercado do Derby* (1899), este um caso à parte por sua concepção e arrojo: reunindo num mesmo lugar, hotel, um mercado (de produtos populares e sofisticados) e um centro de diversões (com ciclismo, boliche, futebol, dentre outros).

Esta eficiente trajetória para um homem de negócios, uma espécie de *self made man* tupiniquim para alguns, feita de persistência, criatividade, ousadia e impiedade para com os eventuais concorrentes (tinha os eliminado do ramo de *couro e peles*, até utilizando a violência e golpeando duramente os comerciantes localizados fora do Mercado Derby através da prática de preços baixos), havia criado uma longa lista de inimigos: dos anônimos comerciantes a figuras influentes da política e economia de Pernambuco.

Três episódios históricos são fundamentais para o que se veria a partir de 1903, na região do Sertão alagoano: as famosas bengaladas desfechadas por Delmiro Gouveia (1899) no pernambucano e então vice-presidente da República, Rosa e Silva, em plena rua do Ouvidor, no Rio de Janeiro, capital da República, com repercussões nacionais e, óbvios reflexos políticos e econômicos para os negócios de Delmiro Gouveia no vizinho estado; o incêndio criminoso em 1900 (atribuído por alguns estudiosos a polícia pernambucana), que destruiu a experiência criativa do Mercado Derby, em Recife, levando à bancarrota Delmiro Gouveia, culminando com sua ida para a Europa durante o ano de 1901 e em sua volta para o Brasil, o rapto de uma menor em 1902, e sua fuga para Alagoas no ano seguinte.

Sua chegada ao povoado Pedra em 1903, é prenúncio de grandes mudanças na região nos anos seguintes. Dedicava-se novamente ao comércio de *couros e peles* (o qual conhecia como ninguém), aproveitando-se da localização do povoado (proximidades das fronteiras de Pernambuco, Bahia e Sergipe), e da infra-estrutura ferroviária existente no local (uma estação da Estrada de Ferro Paulo Afonso), começa a exportar couros e peles para os Estados Unidos, utilizando-se da via férrea até o porto de Piranhas, de lá pelo rio São Francisco, até o porto de Penedo e dali por mar até o porto de Jaraguá, em Maceió, transformando-se novamente em um homem rico.

Através de suas inúmeras viagens a Europa e aos Estados Unidos, conheceu as formidáveis vantagens econômicas do uso da energia elétrica. Para a construção de Angiquinho, a primeira hidrelétrica do Nordeste, iniciada em 1911 e concluída em 1913, foram realizados estudos técnicos entre os anos de 1909/10, que apontaram como pré-condição para a exploração econômica da Cachoeira de Paulo Afonso, a



aquisição das terras adjacentes nos estados de Alagoas, Bahia e Pernambuco e a autorização governamental desses estados para explorá-la (Ilustração 2.5).

Em associação com capitais americanos, seria criada uma grande empresa para explorar o potencial hidrelétrico da Cachoeira de Paulo Afonso. Os planos eram ambiciosos: a eletrificação da cidade de Recife e um grande projeto agroindustrial no entorno da região onde ficaria localizada a hidrelétrica, através da agricultura irrigada. O governador de Pernambuco, Dantas Barreto, pôs por terra os planos de Delmiro Gouveia, ao negar autorização para o empreendimento.

Com o apoio novamente da firma novaiorquina *H. Rossbch Brothers* adquire turbinas e geradores alemães e suíços e instala em Angiquinho, a primeira hidrelétrica do Nordeste, que gerava 1.500 HP com voltagem de 3 KV, tendo começado a funcionar em 1913. Em junho de 1914, pouco antes da eclosão da Primeira Guerra Mundial (iniciada oficialmente no dia 28 de julho de 1914), Delmiro Gouveia inaugura a Companhia Agro Fabril Mercantil, que ficou nacionalmente conhecida como Fábrica da Pedra, notadamente pela confecção de linhas de coser, motivo de acirrada concorrência com a empresa inglesa *Machine Cotton* (Ilustrações 2.6).

A eclosão da Primeira Guerra Mundial atingiu duramente o comércio mundial, pois a maioria dos países capitalistas importantes estava envolvida no conflito. O mercado brasileiro e latino-americano de linhas de coser era monopólio da *Machine Cotton* que, no entanto, tem dificuldades de manter a oferta do produto. Aproveitando-se da conjuntura favorável e da isenção de impostos concedida pelo governo alagoano à fabricação de linhas, a Fábrica da Pedra começa a ocupar o espaço, com uma marca de linha: a *estrela*, que se tornaria também marca da capacidade empreendedora da indústria brasileira, em particular de seu proprietário, Delmiro Gouveia, transformando ainda em vida e, particularmente após sua morte, em mito.



Ilustração 2.5 - Delmiro Gouveia, Angiquinho e o trem, desenhados por artista popular delmirenses na parede do Posto da Pedra. Julho/2006. Fonte: Banco de Imagens PDPDG.



Ilustrações 2.6: Imagens da fachada original da Companhia Agro-Fabril Mercantil e da atual Fábrica da Pedra. Fonte www.fabricadapedra.com.br.

A aceitação da marca *estrela* pode ser melhor dimensionada pelo exemplo que se segue: no primeiro ano de sua existência, sua produção diária oscilava entre 1.500 e 2.000 carretéis e empregava 800 operários. Em 1916, funcionando 24 horas por dia, em turnos de 8 horas, passa a produzir 20.000 carretéis/dia e chega a empregar mais



de 1.000 operários, dominando o mercado brasileiro e os mercados de Argentina, Chile, Peru, dentre outros.

O assassinato de Delmiro Gouveia em 10 de outubro de 1917, de autoria material e intelectual desconhecida, pois os denominados autores do assassinato, foram muitas décadas depois absolvidos pelo Tribunal de Justiça de Alagoas, por absoluta falta de provas, impulsionou a concorrência predatória da *Machine Cotton*.

Ainda antes da morte de Delmiro Gouveia, a *Machine Cotton*, em 1916, registra no Chile e na Argentina a marca *estrela*, causando enorme prejuízo a Cia. Agro Fabril Mercantil, que teve de trocar centenas de milhares de rótulos. Faz uma oferta de compra pela empresa, e obtendo como resposta a recusa, insiste numa participação societária, para por termo a “guerra comercial”.

Após sua morte, a pressão se acentua contra os comerciantes que ainda comercializavam a linha *Estrela*: vão desde o estabelecimento de uma comissão de 10%, até um bônus semestral de 5% do valor das vendas. Além de uma prática eficiente do capitalismo para eliminar a concorrência: o *dumping*. Delmiro Gouveia, se vivo fosse, reconheceria de imediato a prática, pois a tinha utilizado para eliminar concorrentes no mercado de *peles e couros*.

Com a morte de Delmiro, a fábrica passa a ser gerenciada pelo seu principal sócio, Lionel Iona que, em 1925, é afastado da direção e desaparece do país, tendo os herdeiros de Delmiro, na pessoa de seu filho Noé Augusto Gouveia, assumido a frente dos negócios. Em 1927 os filhos de Delmiro vendem a Cia. Agro Fabril Mercantil aos Senhores Menezes (Irmãos & Cia).

Em 1926, a produção da linha de coser *estrela* ganha uma sobrevida através de um Decreto do Presidente da República, Artur Bernardes, estabelecendo um aumento substancial na taxa de importação sobre linhas de coser. O referido Decreto durou apenas dois anos, sendo revogado pelo seu sucessor, Washington Luís. Não havia mais condições de resistir e em 1929, a Companhia Agro Fabril Mercantil é finalmente vendida por 27 mil libras a *Machine Cotton*. No ano seguinte, o ato final: as máquinas escolhidas pessoalmente por Delmiro Gouveia, na Inglaterra, na indústria *Dobson & Barlow*, são destruídas e o que restou foi transformado num amontoado de ferros retorcidos jogados dos penhascos da cachoeira de Paulo Afonso.

A Companhia Agro Fabril Mercantil, que ambicionava ter uma atuação regional nos estados de Alagoas, Pernambuco e Bahia, em ramos tão variados como o comércio de gado, caprino, ovino e algodão, além de irrigação de terras, produção e distribuição de energia elétrica, fora duramente golpeada, embora pudesse continuar operando nestes ramos e continuar produzindo tecidos.

2.1.2 - A Vila da Pedra³

A construção de vilas operárias no entorno de parques fabris possui experiências similares na América Latina, Estados Unidos e Europa (onde a ocorrência foi maior) no final do século XVIII. No Brasil, as primeiras vilas remontam a segunda metade do século XIX, dentre as quais tiveram destaque a *Vila de Boa Viagem construída na*

³ As informações em *itálico* a seguir, sobre o cotidiano e a estrutura interna da Vila da Pedra, foram retiradas do artigo ***Pedra: O Projeto Urbano de Delmiro Gouveia***, de autoria da Arquiteta, Mestra em Desenvolvimento Urbano e Regional pelo MDU-UFPE, Doutora em Estruturas Ambientais pela FAU-USP e docente do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da EESC-USP, Prof^a Telma de Barros Correia.



Bahia por Luís Tarquínio, da Vila Maria Zélia criada por Jorge Street em São Paulo e do núcleo fabril de Camaragibe fundado por Carlos Alberto de Menezes em Pernambuco.

Tão logo chegou ao município de Água Branca, Delmiro Gouveia adquiriu uma fazenda vizinha ao povoado Pedra. Na extremidade da fazenda próxima ao povoado e à ferrovia, construiu currais, açude, uma residência e prédios para abrigar um curtume. Em 1912, com a decisão de implantar uma fábrica de linhas no local, foi iniciada a construção do núcleo fabril, o qual incorporou estas primeiras edificações. Em 1917, havia em Pedra cerca de 250 casas, chafarizes, lavanderias e banheiros coletivos, loja, padaria, farmácia e feira semanal, escola, médico e dentista, cinema, pista de patinação, banda de música, posto de Correio e Telégrafo.

A concepção da vila da Pedra foi integralmente de Delmiro Gouveia e construída sob sua rigorosa supervisão. Confinada num interior de uma cerca, Pedra tinha sete ruas amplas e regulares e vastos espaços desocupados (ruas 15 de Novembro, 7 de Setembro, 13 de Maio, Rio Branco, Floriano Peixoto, José de Alencar e Rui Barbosa). Todos os operários da fábrica – com exceção dos rapazes solteiros sem família no local – moravam em casas de alvenaria, alugadas ou cedidas pela fábrica (**Mapa 2.1**).

A vila da Pedra era uma extensão do parque fabril. Tratava-se de um equipamento de fixação territorial voltado à atração e ao alojamento de camponeses e a sua conversão em operários. Sua organização refletia uma busca de administrar com rigor e precisão toda a vida do operário, de modo a torná-lo o mais produtivo possível. Nela, o patrão procurava deter o controle sobre tudo que influísse na capacidade produtiva dos operários: da alimentação ao descanso, dos hábitos pessoais ao uso de seu tempo livre.

Aproveitando os enormes vazios disponíveis, Delmiro Gouveia ergue uma vila onde a principal característica espacial era a dispersão: os blocos de casas se espalhavam, dando lugar a ruas largas, generosas vias sanitárias, amplos quintais e vastas extensões de terras desocupadas (Ilustração 2.7). Uma outra característica: a casa de Delmiro, o 'rink' de patinação e os primeiros blocos de casas construídos, dispunham-se à margem da Estrada de Ferro de Paulo Affonso.

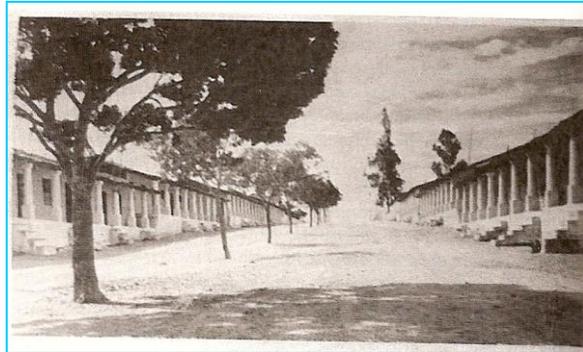
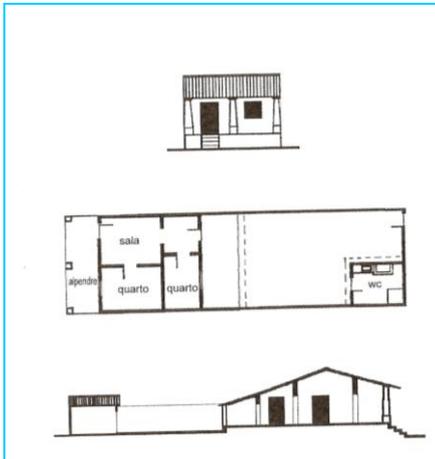
As casas eram de alvenaria, revestidas com reboco, caiadas, cobertas de telhas de barro tipo canal e tinham piso de tijolo. Estavam agrupadas em compridos blocos de residências térreas conjugadas. A composição padrão das casas estabelecia uma distinção baseada na hierarquia da fábrica: para os operários duas salas, dois quartos e cozinha, além de sanitário no fundo do quintal; para os funcionários mais graduados, cinco quartos (entre os quais uma alcova), três salas, cozinha, despensa e dependências. Sua localização nas esquinas permitia a existência de jardim interligado ao quintal (Ilustrações 2.8).



Ilustração 2.7 - Imagem panorâmica do Núcleo Operário e demais edificações. Fonte: Revista Continente, 2003. In Instituto Xinqó, 2006.



A vila da Pedra era cercada para controlar os operários em seu interior. A existência de ruas amplas e regulares e pela dispersão das casas *eliminava amontoamentos, altas densidades, ajuntamentos, misturas e confusões, desfavorecendo contatos suspeitos, comportamentos autônomos e desregramentos. A segurança em Pedra foi ainda pensada na disposição, nas esquinas – pontos estratégicos – das casas destinadas a funcionários mais graduados, aos quais era atribuída a tarefa adicional de zelar pela limpeza e ordem do núcleo.*



Ilustrações 2.8 – Exemplos de residência e ruas da Vila Operária. Fonte: CORREIA, 1998.

Em que pese o rígido controle exercido sobre os operários no interior da vila da Pedra, era inevitável a criação de espaços comuns de convivência como chafarizes, lavanderias, banheiros coletivos e alpendres de uso comum. Embora suas largas ruas fossem pouco movimentadas (contribuía o sol forte), *não chegaram a ser reduzidas a meros locais de circulação: as lavanderias, banheiros e chafarizes davam lugar a ajuntamentos.*

A higiene era um outro fator que chamava a atenção em Pedra: *o asseio rigoroso das ruas e casas e a brancura das construções – a fábrica fornecia cal e exigia a pintura regular das moradias.* A impressão que causava aos visitantes era enorme, como a descrita por Assis Chateaubriand:

Antes de tudo, falo do asseio. É irrepreensível. Dentro e fora da fábrica, individual e coletivo. A vassoura é ali uma instituição. Tudo é escovado, brunido, polido. Não vi em parte alguma por onde tenho andado (...) limpeza tamanha e tão rigorosa. (...) Nas ruas seria impossível encontrar um cisco, um pedaço de papel atirado no chão. Aqui e ali se vêem os barris para coleta dos papéis servidos. As carrocinhas passam e vão esvaziando-os (...). Passa-se como passamos várias vezes por aquelas calçadas extensas e não se vê uma mancha, um sinal de cuspe no chão. É tudo lavado, varrido, escovado.

Na vila da pedra, o poder público, político, foi substituído pelo privado: Delmiro estabeleceu regras, regulamentos, polícia e leis próprias, suprimiu as celebrações religiosas e em seu lugar, incentivou atividades profanas, como cinema, bailes, patinação e futebol.

No tocante ao comércio, havia limitações de toda a ordem: *era limitado e dirigido para abolir despesas julgadas inúteis e supérfluas. (...) A fábrica controlava rigidamente o horário de funcionamento do comércio, o tipo de mercadoria oferecida e as despesas dos operários.*



... Quando o apito da fábrica de tecidos
Vem ferir os meus ouvidos, eu me lembro de você...
... Você que atende ao apito de uma chaminé de barro...

Os versos de *Três Apitos*, de Vadico e Noel Rosa, exprimem de forma poética a *ditadura* do apito nas indústrias fabris. Na fábrica da Pedra, não era diferente: a *fábrica realizava o pagamento dos operários semanalmente aos domingos – único dia livre – até as onze horas, e a partir desse momento – ao toque de uma sirene e hasteamento de uma bandeira em frente a loja denominada por isso ‘Casa da Bandeira’ -, tinha início a feira, principal fonte de abastecimento da população. Às quatro horas da tarde, a feira se encerrava e o comércio fechava suas portas. A sirene tinha funções bem definidas: sirene para o início da feira; toque de recolher; toque de alvorada.*

A vocação centralizadora, autoritária de Delmiro, é considerada como eficiente mecanismo de controle social. A harmonia que deveria imperar entre os moradores da Pedra, obedecia a uma lógica – a do capital. Nada que perturbasse a tranquilidade de seus operários era tolerada. Era imprescindível que, após o expediente, outras regras fossem instituídas para garantir a reposição de energia gasta.

O prazer e a diversão, portanto, estavam inseridos dentro da ótica da reprodução da força de trabalho e da acumulação do capital. As atividades, culturais, artísticas e esportivas promovidas pela fábrica buscavam aliviar os operários do trabalho extenuante, sem contudo, cansá-los em demasia: *a banda animava bailes e retretas, que começavam às sete e terminavam pontualmente às dez horas da noite. Referindo-se a esta rigidez nos horários, Delmiro justificava: ‘Não quero operário cansado’.*

As crianças eram incentivadas a freqüentar as escolas e os pais multados se não justificassem eventuais faltas dos filhos. Na Pedra, todas as crianças a partir dos cinco anos eram obrigadas a frequentar a escola. *A escola exercia função central no preparo das crianças para o emprego fabril. Nela recebiam os conhecimentos e instruções básicas para se converterem em futuros operários eficientes, sóbrios, obedientes e disciplinados desejados pela fábrica.*

A educação era projetada para funcionar no futuro, como poderoso instrumento de harmonia para a vida social da Pedra e, quando atingisse seus resultados, como observara Delmiro, as rígidas restrições à vida privada e social dos seus moradores iriam se suavizando. E não era para menos: instituiu o banho diário obrigatório para todos os trabalhadores; incentivou o uso do sabão e da escova de dentes; proibiu o cuspe no chão; a cachaça; o jogo de bicho; a faca de ponta; a camisa por fora da calça e andar descalço; as pessoas despenteadas eram multadas.

2.1.3 – Da Vila da Pedra ao Município de Delmiro Gouveia (Mapa 2.1)

O assassinato do industrial Delmiro Gouveia, em 1917, e a posterior destruição de parte do patrimônio maquinário da fábrica provocaram grandes impactos na importante história do município. São escassos os registros escritos acerca dos desdobramentos de sua constituição sócio-econômica e das transformações na configuração espacial da cidade e do território após esse período.

No início da década de 20 a Pedra possuía em torno de 4.500 habitantes (MARROQUIM, 1922:190). Parte integrante do território de Água Branca até 1952, a vila continuou atraindo pessoas e, embora com sucessivas crises e com mudanças na



forma e no tipo de produção, a fábrica permaneceu como o principal empregador e motivador da consolidação futura da vila enquanto cidade.

Os dados pesquisados e publicados por Marroquim, em histórica edição do livro Terra das Alagoas (1922), demonstram a importância e a participação de Pedra perante o município de Água Branca, que em 1920 possuía 20.361 habitantes⁴. Dentre as suas principais povoações encontravam-se também outras localidades que atualmente integram o município de Delmiro Gouveia, como Salgado, Barra do Moxotó, Sinimbu e Talhado⁵.

Ao descrever as principais produções na época, Marroquim (1922:69) registra que a indústria pastoril era uma das maiores riquezas do município, que possuía ainda dentre os seus produtos cana de açúcar, algodão, fumo (tabaco), mandioca e toda espécie de cereais. Quanto à indústria fabril esta era “representada por pequenos cortumes, e pela grande Fábrica de linhas da Pedra, fundada em 1913 por Delmiro Gouveia e movida a força hydro-electrica derivada da cachoeira de Paulo Afonso”.

As vias de comunicação existentes indicavam ser a vila da Pedra um ponto de convergência e ligação do sistema de transporte da região do sertão do São Francisco com outras cidades e Estados (Ilustração 2.3). Além da Estrada de Ferro, as principais estradas de rodagem eram as que ligavam Pedra a Garanhuns, em Pernambuco, e Vitória (Quebrangulo), em Alagoas, pontos ferroviários em contato com as capitais desses dois Estados, com cerca de 350 km de extensão; Pedra a Cachoeira e Pedra a Água Branca (MARROQUIM, 1922:70 e 190).

Quanto a cultura e instrução pública, das 12 escolas de instrução primária existentes em Água Branca, 4 localizavam-se na sede (cidade de Água Branca); 6 na Pedra, 1 na Várzea do Pico e 1 na Pariconha. O Correio da Pedra⁶, órgão de uma associação, fundado em 1918 na Vila da Pedra, era o único jornal existente, de grande circulação na zona sertaneja sendo “material e intelectualmente muito bem feito” (MARROQUIM, 1922:70) (Ilustração 2.9).



Ilustração 2.9 - Recorte do jornal Correio da Pedra, em 1925. Fonte: www.amigosdelmirogouveia.blogspot.com.br

É também em 1918, por iniciativa do sócio de Delmiro, Lionelo Iona, que foi construída a capela da Vila da Pedra, passando a ser denominada de Nossa Senhora do Rosário,

⁴ População de Água Branca – 1890 – 6.968; 1900 -10.848; 1920 – 20.361 (MARROQUIM, 1922).

⁵ Povoações: Pedra, Pariconha, Várzea do Pico, Salgado, Barra do Moxotó, Sinimbu, Talhado, Boqueirão, Campinho e outros de menor importância (MARROQUIM, 1922:70).

⁶ O jornal “Correio da Pedra” era dirigido por Adolfo Santos e permaneceu em circulação até 1930.



santa escolhida como a padroeira da cidade. Construída pelo engenheiro Luigi Borella, a igreja localiza-se no centro da grande praça situada entre as ruas Barão de Rio Branco, José de Alencar e Floriano Peixoto, na vila operária, com sua fachada principal voltada para a fábrica (Ilustrações 2.10). É até hoje um referencial de religiosidade e de patrimônio histórico e cultural dos delmirenses.



Ilustrações 2.10 – A - Vista aérea da Fábrica Agro Fabril Mercantil na década de 20. Ao fundo, à esquerda, a Vila Operária e Capela Nossa Senhora do Rosário. Fonte: www.fabricadapedra.com.br.
B – Vista frontal da Capela. Banco de Imagens do PDPDG.

Observando a fotografia da ilustração 2.10 é possível identificar que até a década de 20 poucas modificações haviam ocorrido na configuração original da povoação implantada pelo industrial Delmiro Gouveia. Tendo como referência entrevistas realizadas com moradores delmirenses pode-se dizer que entre as décadas de 30 e 40 a vila da Pedra começa a consolidar a ocupação dos espaços existentes ao lado esquerdo da via férrea, nas áreas que correspondem ao atual centro comercial da cidade no trecho compreendido entre a antiga estação ferroviária, atual Museu Delmiro Gouveia e o atual prédio da Câmara Municipal.

Segundo informações do Sr. Zeca Queiroz⁷, a linha férrea passava rente ao muro da fábrica e pelo meio do antigo canteiro central. Logo após a estação ferroviária ela possuía um desvio para a fábrica da Pedra no qual o trem entrava e voltava de ré, para em seguida se dirigir para o centro da cidade. Passava em frente ao atual prédio da Câmara de Vereadores, onde existia um ponto de parada em frente à feira da cidade, passando depois pelo local onde foi edificado o prédio da loja Insinuante; a linha seguia por trás da Av. Castelo Branco e subia em linha reta passando ao lado do CESP, pelo terreno do atual Mercado Público acompanhando mais ou menos o percurso da rua Juscelino Kubstchek em direção a rua do Alto da Paz e Craibeirinhas, A partir daí seguia em direção a estação de Sinimbú. No bairro Pedra Velha a linha férrea passava na localidade conhecida com Ponto Chique e seguia em direção a estação do Talhado.

Lembrando ainda os tempos passados (anos 30, 40.), o entrevistado relata:

O telégrafo era a comunicação do povo com a capital, Maceió. As pessoas reuniam-se na estação ferroviária para ter informações da capital. Não tinha a ponte [referindo-se a ponte em frente ao açude da fábrica] só existia a ponte do trem, o que dificultava a

⁷ Entrevista realizada em Agosto/2006 com o empresário José Souza Irmão, conhecido como Zeca Queiroz.



passagem das pessoas, estas passavam em umas pedras por dentro do açude. Existia perto da linha do trem a mercearia do Senhor Rosalvo, que abastecia praticamente toda a cidade e vendia de tudo. As casas de comércio eram muito raras, já existiam casas na rua Pedro Segundo.

Aos poucos foi se constituindo o núcleo comercial da cidade, alinhando-se em paralelo a linha férrea, onde também funcionava a movimentada feira. A primeira grande mercearia, famosa no então Distrito, foi a do proprietário Adão Queiroz, “que vendia de tudo”.

Neste mesmo período intensifica-se também a ocupação no bairro Pedra Velha (bairro que corresponde ao núcleo inicial do povoado), cuja expansão ocorreu paulatinamente com construções de casas a partir da influência e da proximidade com a estação ferroviária e com a linha férrea. Com o bairro Pedra Velha vai se consolidando também a localidade denominada Desvio, cuja toponímia está relacionada ao então desvio da linha para possibilitar as manobras do trem. Os desvios serviam para viabilizar as manobras dos trens quando ocorria coincidência de horário de dois trens.

Dentre os acontecimentos históricos que interferiram na consolidação e na ampliação do antigo povoado, destaca-se também a criação da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, em 1945, “destinada a realizar o aproveitamento industrial progressivo da energia hidráulica do rio São Francisco” (Decreto-Lei nº 8031 de 3/10/45), cujas ações principiam-se efetivamente em 1948, ano em que se iniciam as obras de sua primeira usina hidrelétrica no atual município de Paulo Afonso e a construção da Barragem Delmiro Gouveia.

Segundo consta em Caderno Especial Histórico da Folha Sertaneja Online, em texto escrito por Antônio Galdino, “a chegada da CHESF na região causou grande reboição no Nordeste. Milhares de nordestinos chegavam para a grande obra. Houve um tempo que eram mais de 11 mil empregados da hidrelétrica. A sua criação gerou dois ciclos de desenvolvimento para o Nordeste: o de antes e de depois da Chesf. (...) Vários municípios nasceram depois da Chesf.” As obras da escavação dos túneis e de construção das usinas se estenderam por quase 50 anos “produzindo emprego e renda para milhares de sertanejos”. Dentre as 4 usinas construídas, uma, a Usina Apolônio Sales, localiza-se em território alagoano, na divisa do município de Delmiro Gouveia com Paulo Afonso.

Em 1938, a vila da Pedra tinha se tornado Distrito⁸; catorze anos depois se tornara município⁹, com o nome de Delmiro Gouveia. A Lei de 1952 determina que “a sede do município será a atual da vila de Delmiro que passará à categoria de cidade com o nome de Delmiro Gouveia”. A referida Lei ainda afirma que “O município de Delmiro Gouveia será termo judiciário da comarca de Água Branca, até que a lei dê cumprimento ao disposto no art.69, da Constituição do Estado” e que a mesma entrará em vigor a 1º de janeiro de 1954.

Desta forma, é apenas em 14 de fevereiro de 1954, no salão do Cine Pedra, com a presença do governador do Estado de Alagoas Arnon de Mello, que o município é efetivamente emancipado e tem a instalação provisória de seu primeiro prefeito com a nomeação de Alfredizio Gomes de Menezes. No mesmo ano foi realizada a primeira

⁸ Decreto Lei nº 846 de 1º de novembro de 1938, da Interventoria Federal.

⁹ Lei N. 1628 – de 16 de junho de 1952 – Cria o município de Delmiro Gouveia e dá outras providencias. Estado de Alagoas, República dos Estados Unidos do Brasil. *DIÁRIO OFICIAL*. Maceió, terça-feira, 17 de junho de 1952 (Ano XL – número 133).



eleição do município, sendo o prefeito eleito Gaudêncio Martins Lisboa, empossado em 1955.

Segundo informação do Sr. Zeca Queiroz, a primeira composição da Câmara de Vereadores era constituída de “homens de classe média alta, sendo quase todos funcionários da fábrica da Pedra”. Lembrando aspectos da vida cotidiana, o referido empresário afirma que, naquela época, no município, “a dificuldade de emprego era completar 14 anos, após essa idade o jovem já tinha emprego garantido”. Estas constatações demonstram que a fábrica, neste período, ainda exercia um papel político e econômico importante perante a população e constituía a principal empregadora da mão de obra da cidade.

Verifica-se também que é neste período (décadas de 40 e 50) que se intensifica no país a política de incentivo a indústria automobilística e a construção de rodovias, através do Plano de Metas do Governo Juscelino Kubitschek passando o governo federal a priorizar a utilização do transporte rodoviário. Naquele momento, a maioria das ferrovias no país “devido ao desgaste das máquinas, o não incentivo do governo e uma enorme dívida do setor para com o governo federal”, funcionava precariamente (BRITO, 1995:10). Em consequência, em 1964, a ferrovia Piranhas/Petrolândia é desativada, pela Resolução Federal nº 29, durante o governo do presidente Castelo Branco.

Diante da ausência e da precariedade dos acessos carroçáveis existentes na época, a rede ferroviária cumpria uma papel importante para a região. Interligava as cidades e os isolados povoados do sertão alagoano e nordestino, estimulava o desenvolvimento da agricultura e do comércio. O trem, mais conhecido como locomotiva ou “Maria Fumaça”, até então, era o principal meio de transporte de passageiros, de produtos agrícolas e de mercadorias para Delmiro Gouveia e os municípios adjacentes. Mais que isto, era parte integrante do cotidiano de milhares de sertanejos que por ali viviam e se deslocavam.

Além de romper diariamente por entre a fábrica e a principal rua da cidade, o trem exercia fascínio entre os moradores e a criançada, que costumava pegar “bigú” quando de suas passagens por Delmiro Gouveia. As lembranças e características da cidade desta época podem ser apreciadas nas conversas dos “Amigos de Delmiro”¹⁰ (Ilustrações 2.11).

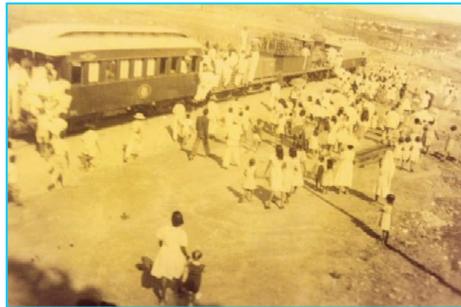
Para nós crianças tudo aquilo era uma verdadeira festa, a chegada do trem na cidade. Estávamos, quando possível, pegando BIGU até a estação ou da estação até o centro (...) veio a ‘gloriosa revolução de 64’ e um cearense desnaturalado, desconhecedor da realidade local (...) mandou arrancar a linha do trem. Quanta maldade! Mataram o trem. Desempregaram ou transferiram pais de família, cortaram a continuidade do fluxo do rio em nome da modernidade, do asfalto, do caminhão, do automóvel.

(...) A presença da estrada de ferro com a sua maria fumaça em Delmiro é uma lembrança marcante dos primeiros anos da minha infância. Lembro-me das manhãs de sexta-feira, quando eu ia com a minha mãe fazer compras na mercearia de seu João Liberato, localizada na rua do comércio, e o trem irrompia vindo do desvio, apitando. Lembro também de quando ele fazia manobras em frente a sorveteria de seu conde. E lamentavelmente, lembro dos trabalhadores arrancando os trilhos e das caçambas aterrando a parte rebaixada por onde o trem passava no centro. Neste espaço foi depois construída a praça. Na época o que se falava era que nos novos tempos criados pela “revolução” não havia mais espaço para serviços públicos deficitários.

¹⁰ Trechos de diálogos entre moradores naturais de Delmiro Gouveia, retirados do Site www.amigosdedelmirogouveia.blogspot.com.br.



PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE DELMIRO GOUVEIA – PDPDG
DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO DO MUNICÍPIO DE DELMIRO GOUVEIA



Ilustrações 2.11 - A - Chegada do trem na cidade de Delmiro Gouveia. S/D. Fonte: www.fabricadapedra.com.br. B – Imagem da praça Delmiro Gouveia no início dos anos 60, em primeiro plano a linha férrea, ao lado os prédios do cine Real e do Cartório do Pastor, ao fundo o prédio dos Correios. Fonte: www.amigosdedelmirogouveia.blogspot.com.br.

Os “Amigos de Delmiro” também descrevem e comparam o percurso e o entorno da linha férrea entre as décadas de 60 e nos anos 2000 referindo-se as imagens a seguir (Ilustrações 2.12):

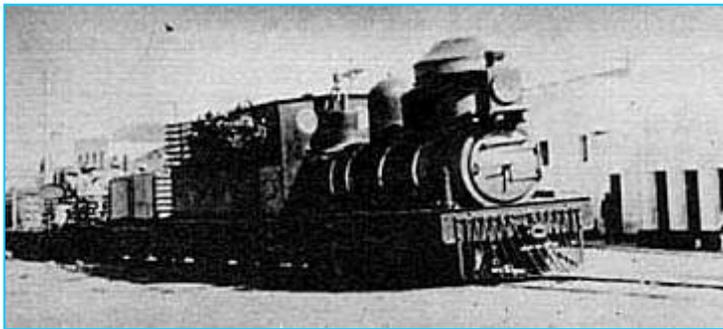


Ilustração 2.12 – Imagens do centro de Delmiro Gouveia: A – Início dos anos 60; B – ano 2003. Fonte: www.amigosdedelmirogouveia.blogqer.com.br.

(...) Aos fundos podemos ver o antigo prédio da prefeitura, onde no térreo funcionava a farmácia de Seu Quinzinho; ao lado da locomotiva podemos ver o prédio onde funcionava o antigo açougue público e mais abaixo vem o bar de Escurinho, (...) entre o bar de escurinho e o açougue havia um pequeno cômodo onde funciona uma borracharia. Mais abaixo do bar de Escurinho (já não aparece na foto), havia um beco que nos levava ao famoso escondidinho...

Para o leitor que não conhece a nossa cidade eis aí uma fotografia tirada em 2003 e quase no mesmo ângulo, onde ainda é possível ver o antigo prédio da prefeitura...

(...) não sei se os mais velhos se lembram, mas, dia de feira, ao lado esquerdo do trem, ficavam as barracas que vendiam tripa de porco, mocotós e assemelhados... .



É, no entanto, a partir da década de 70 que se observam as principais mudanças na configuração espacial da cidade.

Ao analisar a situação econômica de municípios alagoanos em texto denominado “Maceió e sua Área de Influência”, Silva et al. (1971) afirma que o município de Delmiro Gouveia se constituía no maior centro coletor de algodão do Sertão do São Francisco. Sua ação de coleta abrangia municípios de Pernambuco e Bahia e em Alagoas, Olho D’Água do Casado, Piranhas e Ouro Branco. Esta ocorrência devia-se ao fato da presença da fábrica de tecidos em sua sede municipal.

A autora afirma que neste período, o município era mais ligado aos centros do Sudeste (Rio/SãoPaulo) e Recife que a capital estadual, talvez pela facilidade de transporte para estes locais, praças que abasteciam Delmiro de calçados, bebidas, eletrodomésticos, móveis dentre outros produtos lá comercializados.

Neste período apenas duas estradas asfaltadas saíam de Maceió: para Recife, pela zona da Mata, a BR101 e para o Agreste, a BR 316, que atingia até Palmeira dos Índios. A estrada de rodagem também estava implantada no litoral até Matriz de Camaragibe. A estrada de ferro, já extinta na região do sertão, também funcionava com ramos em direção ao interior das zonas da Mata e do Agreste o que fortalecia uma maior penetração da capital nos municípios destas regiões em detrimento daqueles situados no sertão alagoano.

Em 1971 iniciam-se as obras da Hidrelétrica Apolônio Sales, usina integrante do Complexo de Paulo Afonso, que começa a operar em 1977. A implantação da hidrelétrica dá origem a duas localidades que se estabelecem em suas proximidades, na zona rural do município: uma planejada, a Vila Moxotó, junto ao portal da hidrelétrica, que abrigava funcionários da obra e a outra a Vila Zebu, que abrigava os operários da mesma. O nome Zebu é proveniente da quantidade de sacos do cimento marca Zebu usados nas obras. Hoje esta Vila é o distrito Barragem Leste, a segunda cidade em população do município.

Ainda no início da referida década a fábrica da Pedra passa a pertencer ao grupo empresarial denominado “Empresas CIPER” formado pelas empresas “Agrofabril Mercantil” e “Companhia Industrial Pernambucana”, sediada em Camaragibe (PE). Estas empresas através de grandes projetos da SUDENE conseguiram a UNIFISA e fundaram a Companhia Imobiliária Camaragibe, responsável pela implantação dos loteamentos que posteriormente se transformaram nos bairros Campo Grande e Novo¹¹.

No final dos anos oitenta (1986), vivenciando crises financeiras, a fábrica muda novamente de proprietário passando a pertencer ao grupo Cataguazes Leopoldina mudando a sua denominação para Multifábrica Nordeste S/A.

Na década de 80, um novo acontecimento vem interferir na conformação territorial da região do Sertão do São Francisco: a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó, situada a cerca de 65 Km à jusante do complexo de Usinas e Cachoeiras de Paulo Afonso, no início do cânion entre os estados de Alagoas e Sergipe. A construção da usina e seu posterior funcionamento atraiu para a região, principalmente para o município de Piranhas, inúmeros trabalhadores e profissionais especializados, além de melhorias no campo da infraestrutura, da prestação de serviços e de acessos intermunicipais e interestaduais, fatos que possivelmente interferiram e influenciaram na formação sócio-econômica e na dinâmica populacional de municípios adjacentes.

¹¹ Informações obtidas em entrevista realizada em Agosto/2006 com o empresário José Souza Irmão, conhecido como Zeca Queiroz.



Do ponto de vista demográfico os dados do IBGE evidenciam um significativo crescimento populacional em Delmiro Gouveia, principalmente entre as décadas de 70 e 90, quando o número de habitantes passa de 14.680 para 41.214. Verifica-se que neste período a Variação Relativa de Crescimento alcança o índice de 180,74%, demonstrando que em 20 anos o município quase que triplicou o seu número de residentes (Quadro 2.1).

Esta população que cresce concentrou-se principalmente na área urbana do município (Quadro 2.2). As características da formação histórica de Delmiro Gouveia, fundamentada na implantação de uma indústria têxtil e seu núcleo operário, aliadas a sua localização estratégica no sertão alagoano, a proximidade à CHESF e a intensificação do processo de urbanização ocorrido no país após a década de 50, reforçaram a sua importância regional e provavelmente interferiram no sentido de atrair parcela da população rural de municípios adjacentes para o seu núcleo urbano. Observando-se os dados dos referidos quadros, é possível identificar, inclusive, que a taxa de urbanização de Delmiro Gouveia nos levantamentos censitários neste período é superior a do Estado de Alagoas e do Brasil.

Quadro 2.1 - População Total, Urbana e Rural do município de Delmiro Gouveia nos anos 1970, 1980, 1991, 2000 e 2006 e Variação Relativa de Crescimento (VRC) no Período entre 1970/2000.

Ano	Total	Urbana	%	Rural	%	VRC%	
1970**	14.680	9.072	61,79	5.608	38,21	180,74%	
1980	26.768	18.539	69,25	8.229	30,75		82,34
1991	41.214	31.957	77,53	9.257	22,47		53,97
2000	42.995	33.563	78,06	9.432	21,94		4,32
2006*	44.311	-	-	-	-		3,06

*Estimativa IBGE. **Década da construção da hidrelétrica Apolônio Sales.

Quadro 2.2 - População Total, Urbana e Taxa de Urbanização em Alagoas e no Brasil no Período entre 1970/2000.

Ano	Alagoas			Brasil		
	Total	Urbana	%	Total	Urbana	%
1970	1.588.109	631.73	39,77	93.139.000	52.905.000	56,80
1980	1.982.591	976.536	49,25	119.099.000	82.013.000	68,86
1991	2.514.100	1.482.033	58,94	150.400.000	115.700.000	77,13
2000	2.822.621	1.919.739	68,01	169.799.170	137.953.959	81,25

Essa nova realidade é expressa na configuração espacial da cidade. O aumento populacional ocorrido nas décadas citadas demanda novos espaços residenciais, traduzidos na implantação de conjuntos habitacionais e extensos loteamentos. Ao mesmo tempo, movimenta o mercado interno na cidade possibilitando a ampliação da área comercial em seu centro histórico que, progressivamente, avança em direção as antigas residências e as proximidades do mercado público.

É desta forma que, entre o final da década de 60 e o início dos anos 80, ocorre a implantação dos conjuntos habitacionais construídos por iniciativa da COHAB (Companhia de Habitação Popular de Alagoas): o Conjunto Rui Palmeira, conhecido



popularmente como COHAB Velha, inicialmente com 50 unidades habitacionais (1970), complementado em 1981 com mais 54 casas e o Conjunto José Correia de Figueiredo, em 1982, a COHAB Nova, com 285 casas¹². Localizados na então periferia do bairro do Centro, a implantação dos conjuntos contribui para consolidar a ocupação da porção da cidade situada entre a antiga linha férrea e os rios do Cemitério e Botoque.

Ainda na década de 70 se ergue a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário e a atual sede da Prefeitura Municipal (1977), importantes marcos referenciais da cidade, localizados respectivamente nas ruas Vicente de Menezes e Delmiro Gouveia, no Centro. Ultrapassando os limites da antiga Vila Operária obras institucionais são edificadas em terrenos doados pela fábrica da Pedra, a exemplo do Hospital Antenor Serpa, na atual rua Luís Correia Lima, da Área de Lazer dos operários da fábrica (1975/1977), na rua 14 de Fevereiro, em lugar que era ocupado por uma roça de algodão e da Escola Virgília Bezerra (1977/83) na rua Duque de Caxias. A presença destas instituições impulsiona a expansão do tecido urbano da cidade em direção do atual bairro Eldorado.

No entorno dessas edificações foi implantado o primeiro loteamento da cidade, o Eldorado¹³, e instaladas as residências pioneiras, sendo a pertencente ao Dr José Serpa, prefeito na época, uma das primeiras casas a serem construídas. Os valores dos terrenos para venda eram “simbólicos” (de baixo custo), o que possibilitou o acesso aos mesmos por parte de muitas pessoas, favorecendo a ocupação da área que deu origem ao bairro.

No mesmo período um outro grande loteamento, denominado Bairro Novo, é implantado no setor 1 da cidade, ultrapassando a fronteira demarcada pelo rio do Cemitério. O loteamento foi lentamente ocupado, sendo as primeiras edificações construídas a partir de 1986.

Em 1979¹⁴ é estabelecido um novo limite para o perímetro urbano de Delmiro Gouveia que estabelece a zona urbana para fins tributários, urbanísticos e quaisquer outros. Este é demarcado tendo como ponto inicial e final “a Cancela localizada no Bairro Desvio, início da Rodovia DGA-313”¹⁵. A referida Lei estabelece ainda que para efeito de cobrança do Imposto Predial e Territorial Urbano, é considerada zona urbana o povoado de Barragem Leste.

¹² Companhia de Habitação Popular de Alagoas. Levantamento de conjuntos construídos, unidades construídas, programação para 1982, resumo geral dos dados estatísticos. Maceió, 1983, (Relatório datilografado).

¹³ É importante esclarecer que não foram encontrados registros oficiais e plantas dos loteamentos citados. As informações foram fornecidas pelo Sr. Zeca Queiroz e por Emerson dos Santos, do Setor de Cadastro da Prefeitura.

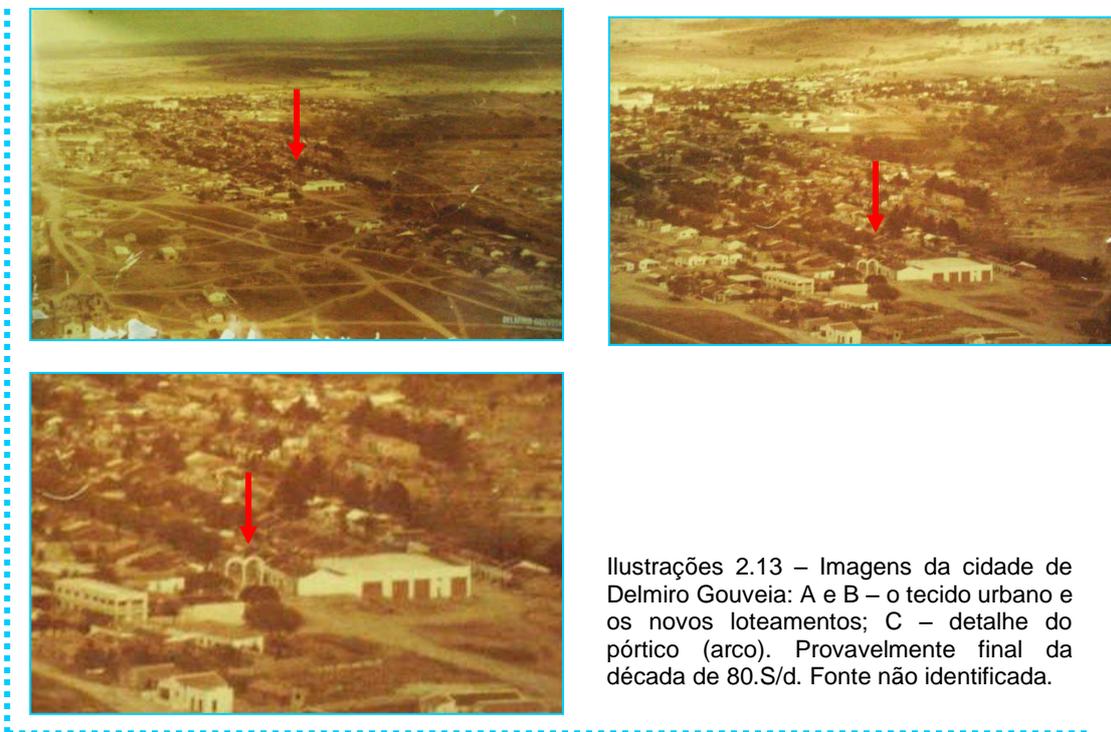
¹⁴ Lei Nº 490 de 18 de junho de 1979. Prefeito Rosalvo José de Souza.

¹⁵ Linha reta da Cancela ... até o primeiro bueiro da AL 225 (marco nº 01), linha reta do marco 01 até a Capela da Fazenda Ponto Chic, inclusive, linha reta da referida Capela até a Estação de Tratamento de Água, inclusive, linha reta da Estação de Tratamento de Água, até o marco nº 02, localizado a 100 (cem) metros do lote nº 12 da Quadra NA do loteamento Bairro Novo; linha reta do marco nº 02 até o marco nº 03, localizado no entroncamento da Rodovia DGA 304 com a Estrada que liga a referida Rodovia, com a Rodovia BR-423; linha reta do marco nº 03, até o marco nº 04, localizado a 100 metros do Lote 01 da Quadra AB do Loteamento Eldorado; linha reta do marco nº 04 até o marco nº 05, que fica localizado nos fundos do imóvel de Inscrição Cadastral 01-03-039-0268, no Bairro Bom Sossego; linha reta do marco nº 05 até o marco nº 06, localizado nos fundos do imóvel pertencente a Civeleto, no Bairro Bom Sossego; linha reta do marco nº 05 até o marco nº 06, localizado nos fundos do imóvel pertencente a Civeleto, localizado à margem da AL 225, nos fundos do campo de pouso pertencente a Civeleto; linha reta do marco nº 07, até a Cancela localizada no Bairro o Desvio, início da Rodovia DGA-313, ponto inicial.



Nas décadas de 80 e 90 a cidade continua a crescer e a expandir suas fronteiras. Novos loteamentos são implantados dando origem a novos bairros na cidade: Campo Grande, como continuidade do Eldorado, na parte alta conhecida como Monte Alegre, tendo nas proximidades do canal a localidade denominada Área Verde, atualmente ocupada por habitações precárias; Chácaras São Vicente e Boa Vista, limitando com o bairro Desvio na localidade Ponto Chique. Estes últimos são caracterizados por lotes com maiores dimensões sendo posteriormente ocupados com usos residenciais em forma de chácaras.

Até então o perímetro urbano da cidade, na direção Oeste, era demarcado por um pórtico (denominado de “arco” pelos moradores), localizado no final da Av Presidente Castelo Branco (Ilustrações 2.13). Nas áreas adjacentes ao pórtico existiam poucas habitações e a conhecida “Casa de Campo Cabaré da Persília”. Em suas proximidades Luis Carlos Costa (conhecido como Lula Cabeleira) adquiriu alguns terrenos e construiu um prédio para instalar uma Madereira (atualmente possui outro uso). Em consequência da expansão neste setor da cidade, em 1989, na Gestão do prefeito José Bandeira, o pórtico foi demolido e em 1990 uma nova Lei (sem número) estabelece uma outra delimitação para a zona urbana da cidade, cujo ponto inicial e final localiza-se no “Segundo Bueiro” da rodovia AL-225 (acesso para a cidade) ¹⁶. É também neste período que é aprovada a atual Lei Orgânica do Município.



Ilustrações 2.13 – Imagens da cidade de Delmiro Gouveia: A e B – o tecido urbano e os novos loteamentos; C – detalhe do pórtico (arco). Provavelmente final da década de 80.S/d. Fonte não identificada.

¹⁶ “Do Ponto inicial segue por uma reta até o Marco nº1, localizado a 100 Metros do lote 1 da Quadra A do Loteamento São Vicente; Daí segue por uma reta até o Marco nº2 a 100 Metros da Estação de Tratamento de Água (inclusive); Daí segue por uma reta até o entrocamento da Rodovia DGA 304 com a estrada que liga a referida Rodovia com a Rodovia BR-423; Daí segue por uma reta até o Angar do Campo de Pousa (inclusive); Daí segue por uma reta até o Marco nº3 no final do Haras Bom Sossego à margem da AL-225, daí pela cerca do Haras Bom Sossego até o Marco nº 4; Daí segue por uma reta até o Ponto Inicial.



Os referidos empreendimentos imobiliários, instalados em glebas localizadas na época na zona rural do município, embora sendo lentamente ocupados (até o presente ainda existem muitos lotes não edificadas), abriram uma nova perspectiva expansionista para a até então considerada zona urbana e imprimiram uma nova configuração espacial para a cidade, que cresceu e se densificou nas áreas adjacentes ao antigo povoado Pedra, a fábrica e a linha férrea.

Buscando valorizar e divulgar parte de sua história, em 1989, foi inaugurado o museu Delmiro Gouveia, por iniciativa dos proprietários da fábrica que, através da Fundação Ormeo Junqueira Botelho, entidade de caráter cultural, restauraram o conjunto urbano-arquitetônico da antiga Estação Ferroviária da Pedra.

No início da década de 90 a crise deixa a produção da fábrica Multifábrica Nordeste S/A semi-paralizada. Ameaçada de fechar definitivamente as suas portas, o Grupo Carlos Lyra assume sua direção, adquirindo a empresa, dando-lhe o nome de Fábrica da Pedra S/A – Fiação e Tecelagem e recuperando o seu parque industrial.

No século XXI o município prossegue em ritmo de crescimento, priorizando investimentos nas áreas de educação, cultura, saúde, infraestrutura e transportes, buscando a ampliação e o fortalecimento de suas atividades econômicas industriais, comerciais e de prestação de serviços e sua consolidação como pólo regional. No campo das intervenções urbanas destacam-se a pavimentação de vias, a recente reurbanização da área comercial central (2003), as construções de um terminal rodoviário¹⁷, do Pavilhão na praça Nossa Senhora da Rosário, do Ginásio de Esportes e do novo Matadouro Municipal (2005). Do ponto de vista da habitação a obra mais recente é a implantação de um conjunto habitacional de interesse social denominado Vila 25, edificado para abrigar as famílias que residiam na antiga Vila do Rato.

Em 2005 ocorreu o tombamento estadual do Sítio de Angiquinho e seu entorno, fato que se constituiu em grande conquista no sentido do resgate histórico e da preservação do patrimônio Delmirense.

Com uma estimativa de 44.311 habitantes, o município de Delmiro Gouveia atualmente, destaca-se no cenário do sertão alagoano, não só por abrigar a maior cidade da região, como também por possuir um dinâmico pólo comercial, uma importante indústria têxtil e um grande potencial turístico ainda insuficientemente aproveitado.

¹⁷ O terminal rodoviário, construído em 2003, encontra-se sem funcionamento até os dias atuais, devido a ocorrências de erros em sua estrutura, que impedem a circulação de novos modelos de ônibus intermunicipais.



Mapa 2.1 – Evolução Urbana



2.2 DIVISÃO TERRITORIAL E DISTRIBUIÇÃO ESPACIAL DA POPULAÇÃO

Delmiro Gouveia é um município que apresenta alto índice de urbanização – 78 %. O Censo 2000 do IBGE indica uma população de 42.995 habitantes, sendo 33.563 na zona urbana e 9.432 na zona rural. Possui taxa de crescimento anual de 1,56% e densidade demográfica de 71 hab/Km. A estimativa populacional em 2006 foi de 44.311 habitantes. Em termos populacionais o município é o maior dentre os do Sertão Alagoano, posicionando-se em 9º lugar com relação aos 102 municípios do Estado de Alagoas¹⁸.

Diferentemente da grande maioria dos municípios alagoanos, e brasileiros, cuja população rural ultrapassava a que residia em zonas urbanas até a década de 70, Delmiro Gouveia apresenta, desde a transformação de seu território em município, na década de 50, uma concentração populacional maior no que é considerada hoje a sua zona urbana: a antiga vila da Pedra e atual cidade de Delmiro Gouveia.

Conforme pode ser visto no item 2.1, em 1970, 61,80% de seus habitantes moravam na cidade cujo nascedouro está vinculado a história da industrialização do país. Neste mesmo ano, segundo censo do IBGE, sua taxa de urbanização era superior a do município de Maceió.

A lei Nº 490 de 18/06/1979 define a cidade de Delmiro Gouveia como zona urbana “para fins tributários, urbanísticos e quaisquer outros”, e o povoado de Barragem Leste como zona urbana “para efeito de cobrança do Imposto Predial e Territorial Urbano”. Em 1990 uma nova Lei (sem número) redefine o perímetro urbano da cidade para fins Censitários (ver item 2.1.3).

Segundo a Lei nº 873/2005, sobre Parcelamento do Solo no Município de Delmiro Gouveia, o território municipal está dividido administrativamente em uma sede municipal e três Distritos, quais sejam: Delmiro Gouveia, com 13 bairros, Barragem Leste, Sinimbu e Lagoinha (Ilustração 2.14 B e Mapa 2.4).

A Lei de Parcelamento do Solo estabelece a seguinte divisão de bairros na cidade (Ilustração 2.14 A):

- I. Centro
- II. Pedra Velha
- III. Desvio
- IV. Eldorado
- V. Novo
- VI. Cohab I
- VII. Cohab II
- VIII. Palmeirão
- IX. Vila Operária
- X. Chácara São Vicente
- XI. Chácaras Boa Vista
- XII. Monte Alegre
- XIII. Campo Alegre
- XIV. Distritos:
 - a) Barragem Leste
 - b) Sinimbu
 - c) Lagoinha

¹⁸ Os municípios que superam Delmiro Gouveia em termos populacionais são: Maceió, Arapiraca, Palmeira dos Índios, Rio Largo, São Miguel dos Campos, Coruripe, Penedo e União dos Palmares.



Ao se fazer a leitura da referida Lei observou-se que a mesma estabelece um novo abairramento na cidade, criando novos bairros a partir de localidades atualmente inseridas nos bairros mais antigos, porém não define os seus perímetros, o que dificulta a sua delimitação. Outros problemas identificados ao confrontá-la com os bairros atualmente existentes, dizem respeito à omissão do bairro Bom Sossego e a não identificação por parte da população e de técnicos da prefeitura do bairro Campo Alegre, presumindo-se que, neste caso, ocorreu um equívoco de digitação e que trata-se, portanto, do bairro Campo Grande que abriga a localidade de Monte Alegre.

Por estes motivos, dentre outros, para efeito do levantamento e da análise do uso e ocupação do solo, considerou-se como parâmetro o Mapa Cadastral de Arrecadação (Secretaria de economia e Finanças) da Prefeitura Municipal, no qual a cidade está dividida em 8 (oito) setores (Ilustração 2.14 A):

- Setor 01 - Bairro Novo
- Setor 02 - Eldorado
- Setor 03 - Campo Grande (Monte Alegre)
- Setor 04 - Pedra Velha (Desvio)
- Setor 05 - Centro (Cohab I, Cohab II, Palmeirão, Vila Operária)
- Setor 06 - Chácara São Vicente
- Setor 07 - Chácara Boa Vista
- Setor 08 - Bom Sossego

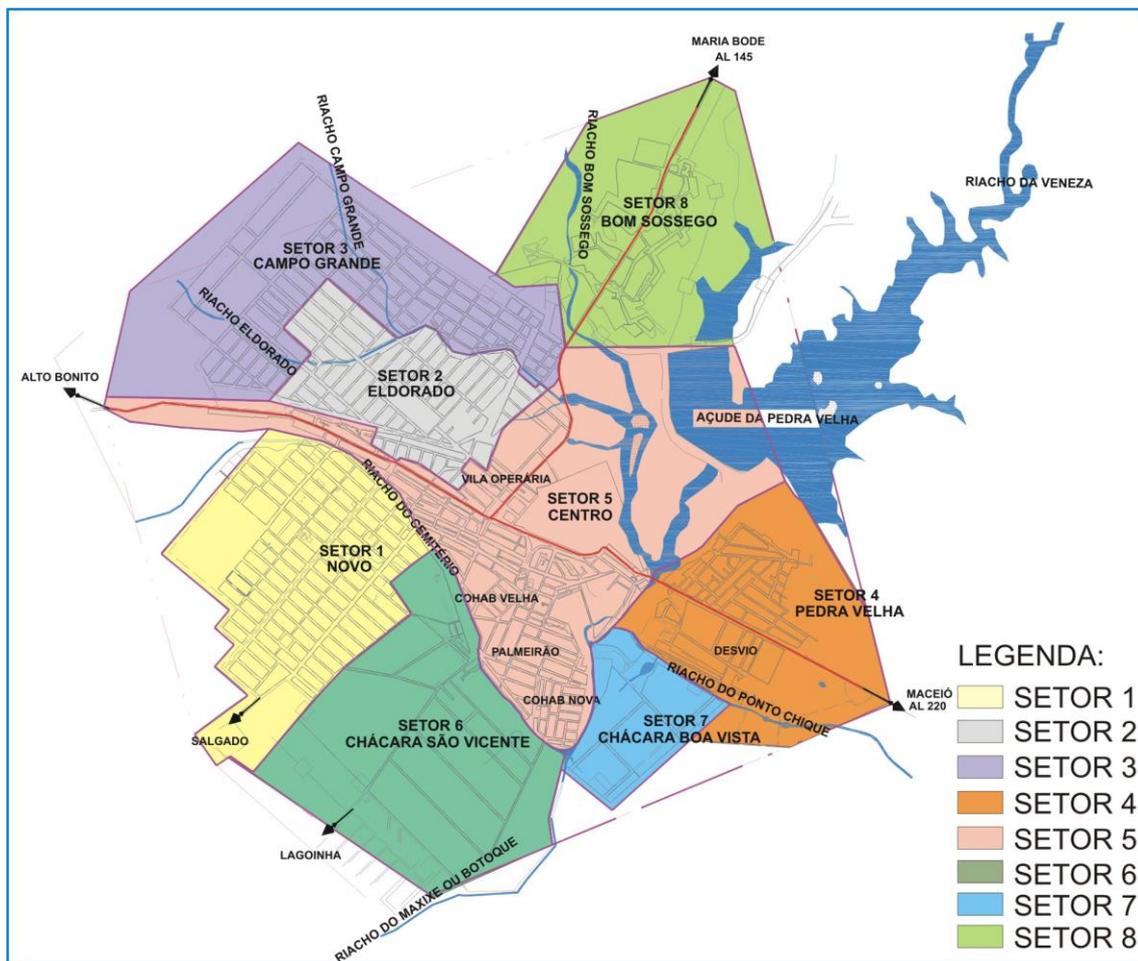


Ilustração 2.14 – Zona urbana de Delmiro Gouveia com as divisões por setores. Fonte: Mapa Base da Prefeitura Municipal de DG. Desenho: Antonio Jr./2007.



PLANO DIRETOR PARTICIPATIVO DE DELMIRO GOUVEIA – PDPDG
DIAGNÓSTICO PARTICIPATIVO DO MUNICÍPIO DE DELMIRO GOUVEIA

Os distritos de Barragem Leste, Sinimbu e Lagoinha, compõem a zona rural do município. Este abriga ainda 20 povoados, 10 agrupamentos populacionais distribuídos em assentamentos do INCRA e 4 acampamentos de “Sem Terra” não regularizados que serão comentados no item 2.4 deste capítulo.

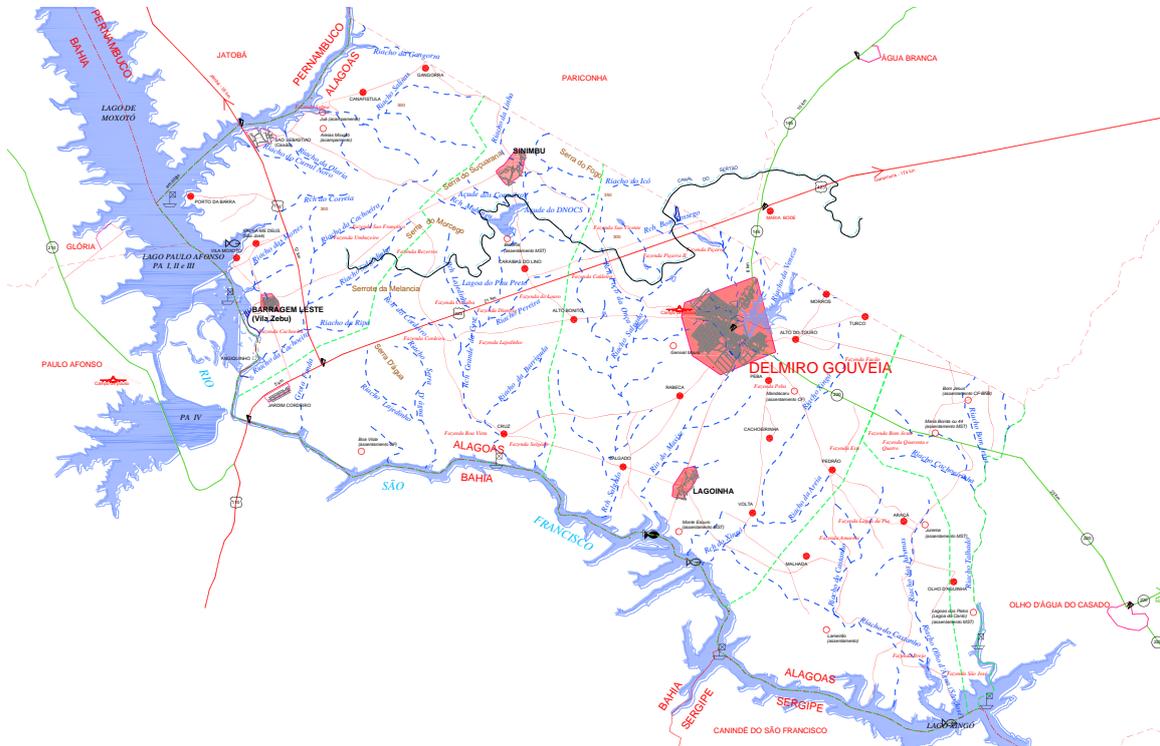


Ilustração 2.14 B – Divisão Territorial do Município de Delmiro Gouveia, com localização das zonas urbana, distritos e povoados.